

ROMANTISMO E REALISMO EM *LE PÈRE GORIOT*

O romance de Balzac, *Le Père Goriot*, foi publicado em 1837, em pleno romantismo francês, devendo configurar-se, em vista disso, como obra romântica ao lado, de resto, de toda a imensa produção do autor. No entanto, e o mesmo acontece a muitos outros romances balzaqueanos, *Le Père Goriot* é comumente considerado um romance realista, classificação que, dentro do século XIX, costuma se opor à de romântico. Nossa argumentação, aqui, será no sentido de mostrar que as duas denominações não são excludentes, e que romantismo e realismo são as duas faces de uma mesma moeda, no caso de Balzac.

Para se pensar, inicialmente, em *Le Père Goriot* como obra romântica, seria conveniente fazer aqui uma breve retrospectiva do romantismo que chegou à França um pouco tarde, vindo da Inglaterra e da Alemanha. Antes disso, durante quase todo o século XVIII, os leitores franceses entraram em contato com a literatura inglesa e com a alemã, por meio de traduções freqüentes que os habituaram à crescente oposição que o movimento romântico faz à doutrina clássica francesa.

Assim, naquilo que interessa esta leitura, vemos que o romantismo, em um de seus pilares fundamentais, opõe à visão clássica do homem eterno, universal, um novo conceito, que considera agora a diversidade, a especificidade desse homem e sua adaptação ao meio e aos costumes de seu tempo. O indivíduo, a partir do século XVIII, é valorizado por aquilo que o distingue do outro, levando ao interesse pela psicologia e pela caracterização que coloca em destaque o elemento particularizante, aquilo que qualifica o ser dentro do contexto social e nacional. O interesse pelo homem tomado em sua essência, pela natureza e pela condição humana dá lugar, no romantismo, ao interesse pelo homem situado em seu tempo e em seu espaço, melhor dizendo, em sua comunidade utópica. Desse modo, nessa grande mudança de enfoque, vemos que a ótica romântica e a realista estão próximas, pois ambas “divisam o indivíduo dentro de seu *habitat* sócio -econômico” (Guinsburg, 1978, p. 269). Desde Platão e Aristóteles pelo menos, o realismo é uma corrente estética vigorosa que só apresenta modificações em função de alterações que são introduzidas, através dos tempos, no conceito de realidade.

No século XVIII, o realismo já se encontra no romantismo de Rousseau, nas descrições que faz da paisagem alpina com suas montanhas, vales, bosques e rios em *La Nouvelle Heloise*, e que lhe são familiares. Por outro lado, nas *Confessions*, reconhecemos o realismo subjetivo, psico-

lógico, encontrado em sua paisagem interior, sua autobiografia, em suas contradições (Bonet, p.14). O romantismo francês tem em Rousseau um de seus esteios, e é nele que podemos identificar o ponto de partida da linha que o romance francês segue e da qual cada ponto, como bem observa Zeraffa, é o resultado de duas forças - uma interior, outra social. Em *Le Père Goriot*, vemos, justamente, de que maneira, por parte do jovem Rastignac, vai haver uma concordância do desejo pessoal profundo em relação à ordem social, exterior.

Como se sabe, a ação do romance desenrola-se, fundamentalmente, em dois campos: na pensão “burguesa” da Sra Vauquer e nos salões da alta sociedade parisiense. A comunicação entre esses dois campos fica por conta das personagens centrais, que vivem na pensão mas têm vínculos com a alta sociedade: Eugênio de Rastignac, jovem, aristocrata, mas pobre e da província; Goriot, chamado pejorativamente de “tio”, antigo fabricante de massas, que enriqueceu durante a Revolução e que tem duas filhas, Anastasie e Delphine, a quem deu toda sua fortuna, o que lhes possibilitou casarem-se com um conde e um banqueiro, respectivamente; e Vautrin, que se apresenta como negociante, de vida misteriosa, mas é, na verdade, um antigo e famoso bandido, que no final volta à prisão da qual estava evadido.

Com Rastignac, que veio a Paris fazer seu curso de direito, Balzac cria o tipo do arrivista que, como ele pró-

prio, busca integrar-se a essa sociedade centralizadora, que torna Paris muito diferente do resto do país. Para se entender esse arrivismo deve-se lembrar que a revolução política, a Revolução Francesa, é a responsável pelas grandes transformações que se iniciam na Europa no século XVIII. A queda da aristocracia vai provocar mudanças sociais e demográficas, trazendo a Paris grande quantidade de trabalhadores, que alteram sua paisagem, tornando-a grande, monstruosa, um dos primeiros aglomerados modernos com seus novos problemas.

Os poetas e escritores românticos, como Balzac, em sua maioria filhos da Revolução, estão por isso intimamente ligados a esse tempo. Rastignac, em cuja história é possível reconhecer momentos da vida de Balzac, e que se pode ver como representante dessa geração, sente-se atraído pelos encantos dessa sociedade que ele quer conquistar, mesmo quando conhece também suas aberrações. Sua ambição é muito mais de integração do que de dominação dessa sociedade. Em *Le Père Goriot* nós o encontramos ainda cheio de virtudes, a ponto de se emocionar quando descobre que Goriot é o pai, desprezado e abandonado, das duas jovens mulheres da alta sociedade: “Algumas lágrimas rolaram dos olhos de Eugênio, recentemente purificado pelas nobres e santas emoções da família, ainda sob o fascínio das crenças juvenis e que apenas estava em sua primeira jornada no campo de batalha parisiense” (Balzac, p. 81). No entanto, sua pa-

rente e amiga, a prestigiada e nobre Mme de Beauséant, a quem ele pede ajuda para se introduzir nessa sociedade, lhe dá logo alguns conselhos:

Pois bem, Sr. de Rastignac, trate este mundo como ele o merece. Você quer triunfar, eu o ajudarei. Você sondará o quanto é profunda a corrupção feminina e medirá a extensão da miserável vaidade dos homens. (Balzac, p. 83)

Ela continua, dizendo-lhe que necessitará da proteção de uma mulher jovem, rica e elegante, pela qual, no entanto, não deverá se apaixonar, para não se transformar em sua vítima. O amor deve ser um segredo bem guardado, nesta sociedade. A mulher é apenas um meio de que deverá se servir para alcançar seus objetivos, isto é, a mulher dessa sociedade, a mulher real não se aproxima da mulher ideal, da mulher sonhada. Daí muitos autores românticos, como Nerval por exemplo, preferirem preservar o sonho e conservar a mulher real à distância. Mas este é um outro romantismo.

Por outro lado, no romance de Balzac, vemos que as mulheres que têm distinção, como Mme de Beauséant, também têm do que se queixar, e sofrem, tendo em vista que representam apenas um objeto de consumo nessa sociedade exclusivamente masculina, à qual elas devem se submeter.

Quanto a Goriot, ele também é vítima desse mesmo jogo social no qual os verdadeiros sentimentos não devem ser expostos. É o que diz a Sra de Langeais, amiga da Sra de Beauséant, a Rastignac:

O que hoje acontece a esse velho pode acontecer à mais formosa mulher com o homem a quem ela mais ame: se ela o enfada com seu amor, ele se afasta, comete todas as infâmias para evitá-la. O mesmo se dá com todos os sentimentos. Nosso coração é um tesouro: esvaziem-no dum golpe e ficarão arruinados. Consideramos tão imperdoável um sentimento que se mostra em toda a sua extensão como um homem sem dinheiro. Esse pai dera tudo que possuía. Durante vinte anos, dera suas entranhas, seu amor: num dia, deu toda sua fortuna. Espremido o limão, as filhas atiraram o bagaço na rua. (Balzac, p. 82)

No romance de Balzac, Goriot encarna a paixão exagerada, cega, do pai pelos filhos, que não o deixa ver neles a verdadeira natureza. Já em Vautrin, em quem Balzac colocou também muito de si mesmo, reconhecemos o revoltado contra as injustiças, aquele que desafia as regras sociais. Essas três personagens são verdadeiras criações do demiurgo. Nelas, reconhecemos as manifestações do “eu” romântico, que graças a Rousseau e a partir de sua obra, se tornará uma estética e comandará o movimento romântico.

Em Goriot, essa manifestação chegará ao caricato e ao grotesco, como se pode ler desde a apresentação da personagem: de 1813, ano em que “se retirou” na pensão Vauquer, até 1819, ano em que o romance se inicia, sua decadência física e moral é gradual:

Emagreceu; suas panturrilhas murcharam; o rosto cheio graças à satisfação [de uma] felicidade burguesa, enrugou-se rapidamente; a fronte ficou franzida e as maxilas desenharam-se sob a pele [...] Os olhos azuis muito vivos tornaram-se embaciados e pardacentos, ficaram amortecidos, não lacrimejavam mais e a orla vermelha das pálpebras parecia sangrar. A uns, causava horror; aos outros, inspirava compaixão. Alguns jovens estudantes de medicina, notando o caimento de seu lábio inferior e calculando o vértice de seu ângulo facial, declararam-no acometido de cretinismo, após terem-no maltratado sem provocar a menor reação. (Balzac, p. 35-6)

Vautrin, por sua vez, encarnará aquele “eu” utópico, prometético, que ousa desafiar as estruturas sociais e no qual reconhecemos uma das inúmeras contradições que constituem a própria essência do Romantismo: o gênio fáustico, a grande personalidade que não pode se ajustar às limitações, às estruturas sociais. Ele também fará a pintura da so-

cidade a Rastignac, mostrando-lhe seu funcionamento, suas leis ocultas:

Quem sou? Vautrin. Que faço? O que me agrada. [...] Sou bom com os que me fazem o bem ou cujo coração fala ao meu [...] Mas, palavra de honra! sou mau como o diabo com aqueles que me incomodam ou que não me agradam. E é bom que você saiba que me importo tanto de matar um homem como disto! — declarou dando uma cuspidinha. — Apenas, esforço-me por matá-lo corretamente, quando é absolutamente necessário. Sou o que vocês chamam de artista. [...] Refleti muito na constituição atual da desordem social de vocês [...] Vou esclarecer-lhe, eu mesmo a posição em que você está. Vou fazê-lo, porém, com a superioridade [de um] homem que, após ter examinado as coisas deste mundo, viu que há somente dois partidos a tomar: uma estúpida obediência ou a revolta. Eu não obedeco a nada, está claro? (Balzac, p. 104)

E mais adiante:

Sabe como é que a gente faz carreira aqui? Pelo brilho da inteligência, ou pela habilidade da corrupção. É preciso penetrar nessa massa humana, como um projétil de canhão, ou insi-

nuar-se no meio dela como uma peste. A honestidade não serve para nada. *Todos se curvam sob o poder do gênio, odeiam-no, tratam de caluniá-lo*, porque ele recebe sem partilhar; mas curvam-se, se ele persiste. [...] A corrupção representa uma força, porque o talento é raro. [...] O homem é imperfeito. [...] Não acuso os ricos em favor do povo: o homem é sempre o mesmo, no alto, embaixo, no meio. Em cada milhão desse ilustre gado, encontram-se dez sujeitos decididos que *se colocam acima de tudo, mesmo das leis*. Sou um destes. Quanto a você, se é um homem superior, siga em linha reta e com a cabeça erguida. Mas terá de lutar contra a inveja, a calúnia, a mediocridade, contra todo mundo (o grifo é meu). (Balzac, 108-9)

Essa insatisfação com a sociedade manifesta-se desde cedo, no romântico, que se sente uma peça da roda gigante da civilização, não podendo assim desenvolver-se totalmente. Para ele, o homem é um ser fragmentado, dissociado, o que o tornará para sempre infeliz.

Na verdade, essas três individualidades, lembramos que o romantismo desenvolverá temas que são a consequência natural da evolução do “eu”, ao longo dos séculos, desde o Renascimento: individualismo, lirismo pessoal, religiosidade, fantasia.

Diz Rousseau nas *Confessions I*:

Só eu. Sinto meu coração e conheço os homens. Não sou feito como nenhum daqueles que vi; ousou acreditar não ser feito como nenhum daqueles que existem. Se não valho mais, pelo menos sou outro. (apud Bony, 1992)

Testemunha ou herdeiro das grandes transformações da História, o homem romântico sente-se estreitamente ligado a seu tempo, separado do passado por uma fratura irremediável. No entanto, no romantismo, o individualismo, o interesse pelo indivíduo naquilo que ele tem de característico, naquilo que o distingue do outro, isto é, sua situação social, sua sensibilidade específica, é sempre captado em sua totalidade, em seu contexto geral, na paisagem social que o enforma e emoldura, relacionando-o por integração da parte no todo maior.

Essa relação, essa correspondência que existe entre a parte e o todo circundante, e que é o ponto de partida da visão romântica, neoplatônica, do mundo, explica, por exemplo, a célebre passagem inicial de *Le Père Goriot* onde, após uma descrição detalhada, aparentemente realista, do bairro parisiense, miserável, onde fica a pensão Vauquer, do exterior maltratado da casa, da sala da pensão, cujos móveis são velhos, desbotados, empoeirados, engordurados e que cheira a mofo, a ranço, o narrador faz aí surgir a Sra Vauquer. Aí, como se diz, a sala anuncia a Sra Vauquer, e esta explica

a sala - e esta correspondência entre o espiritual e o sensível transfigura toda a descrição que é, assim, eminentemente romântica.

Para concluir, tomaremos agora a figura do autor. No prefácio de sua *Comédia Humana* ele revelou a intenção de, com sua obra, ter exercido as funções de um secretário da sociedade francesa. Tarefa que revela o desejo de tudo abranger, de ter uma *visão global* das coisas, característica do artista, do gênio romântico. Ele quer, também, estudar as razões dos efeitos sociais, seu sentido oculto, isto é, a essência das coisas. Tarefa de *visionário*, tal como os românticos se vêem. Daí ser ele o tipo do escritor *onisciente* que representa o essencial da vida real para dar a ilusão de que todo o real está na obra. Além disso, ele pode *guiar* o leitor comum, dando-lhe a ilusão de que ele, autor, narrador, sabe tudo, conhece o sentido de cada detalhe e de sua parte na solução final.

E se, por um lado, para Balzac, como para os realistas do final do século, a documentação deve ser o primeiro trabalho do romancista, por outro, enquanto romântico, ele deixa claro que esse trabalho deve ser realizado sem humilhar a imaginação.

Assim, em Balzac, o realismo é decorrência de uma visão romântica do mundo que, aliás, é responsável, ainda, por esse realismo positivista francês do final do século XIX,

desde que Augusto Comte, leitor e admirador de Balzac, tirou de seu romantismo a teoria de meio e do momento.

Guacira Marcondes Machado
FCL - UNESP - Araraquara

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALZAC, H. de. **O pai Goriot**. Trad. de Gomes da Silveira. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

BONET, C. M. **El realismo literário**. Buenos Aires: Editorial Nova, s.d.

BONY, J. **Lire le romantisme**. Paris: Dunod, 1992.

GUINSBURG, J. (Org.). **O romantismo**. São Paulo: Perspectiva. s.d. p. 269.